

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS PARA O ESTUDO DA JOALHARIA ARCAICA LUSO-ESPANHOLA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1967 | Número: 77

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Elementos bibliográficos para o estudo da joalheria arcaica luso-espanhola. *Revista de Guimarães*, 77 (3-4) Jun.-Dez. 1967, p. 329-376.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Elementos bibliográficos para o estudo da joalheria arcaica luso-espanhola

Por MÁRIO CARDOZO

Desde as épocas mais remotas da história da Humanidade que adultos e crianças se comprazem a embelezar o corpo com adornos de carácter permanente, por meio da fixação de tatuagens subcutâneas, ou pelo uso eventual, de objectos de vária espécie, como sejam plumagens policromas de aves, peles, dentes e garras de animais mortos na caça, conchas de moluscos, contas de colar feitas de pedras comuns ou preciosas, cristais e vidrilhos e, finalmente, peças fabricadas de metais nobres ou não, a que mais propriamente damos o nome usual de *jóias*, constituindo brincos, pulseiras, braceletes, colares e outras espécies ainda em uso corrente nos nossos dias. Parece que esta prática ancestral de embelezar a nudez corpórea obedece a um sentimento de arte inato na espécie humana e a uma necessidade fisiológica de instigamento à atracção sexual.

Em todos os tempos e em todos os lugares que, há milhares de anos, foram ocupados pelo homem, quer se trate de grutas naturais ou artificiais, quer de ruínas de cabanas ou de monumentos funerários, quer mesmo no solo, ao ar livre, têm sido frequentes os achados de jóias arcaicas, fosse porque os seus utentes por acaso as tivessem perdido, ou porque lhas depuzessem nas próprias sepulturas, ou porque algum dia necessitassem de as ocultar em quaisquer esconderijos, durante ocasiões de guerras, de assaltos, de invasões inimigas, etc., e não tivessem mais tarde possibilidade de voltar a recuperá-las.

Os achados dessas antigas jóias perdidas, ou voluntariamente escondidas, ou depositas em monumentos sepulcrais, não foram em geral devidamente

apreciadas, até uma época relativamente recente, sob o ponto de vista do seu verdadeiro valor científico, histórico ou artístico, porque os achadores só as estimavam pelo valor material que elas ofereciam, sobretudo se eram de metais nobres, e por isso, na maior parte das vezes, as faziam fundir, para desse modo obterem outras jóias ao gosto da época em que o achado tinha lugar.

Porém, a partir de certa data, particularmente quando o estudo da Arqueologia pré- e proto-histórica, que é ciência relativamente moderna, começou a tomar verdadeiro incremento, começou consequentemente a manifestar-se também, de um modo acentuado, o interesse pela conservação dos achados de antiguidades, incluindo evidentemente as jóias, sobretudo se eram de ouro ou de prata.

Ora, como os arqueólogos ou os simples coleccionadores, directores de museus, antiquários, etc., eram os que mais apreciavam esta espécie de objectos antigos, e portanto quem melhor os pagava ao achador, geralmente inculto e boçal, a destruição dessas peças foi gradualmente diminuindo, até dar lugar a uma especulação comercial entre vendedores e compradores, quer se tratasse de estudiosos cientificamente interessados na aquisição desses espécimes, quer de pessoas movidas apenas por uma simples tendência ao amadorismo e ao coleccionismo.

Contudo, o verdadeiro estudo científico destes achados de objectos avulsos, ou até de autênticos tesouros, só começou a fazer-se em tempos recentes, pois, de início, aquele espírito de amadorismo e de mesquinha ambição do coleccionador de coisas que valiam dinheiro sobrepunha-se aos interesses de uma ciência ainda em embrião.

A pouco e pouco a intervenção do Estado tem vindo a auxiliar, com legislação adequada e organismos responsáveis, a defesa destes valiosos testemunhos do passado, pertencças do património arqueológico e artístico da Nação, procurando pôr a salvo de extravio ou destruição estas magníficas joias antigas, que se vão acumulando, principalmente nos museus ou na posse de coleccionadores mais ou menos conscientes da importância histórica destas raridades.

As jóias reflectem o estilo da época, as preferências e a cultura do povo da região onde foram manufacturadas. Para o estudo da evolução da joalheria arcaica é neces-

sário portanto considerar em primeiro lugar a procedência de cada achado, para, no âmbito dessa localização, procurar definir o seu autêntico foco de origem, se foram objectos importados, e seguidamente a fixação da sua cronologia.

A tipologia é geralmente um bom elemento de identificação, posto que nem sempre seguro, distinguindo-se contudo as jóias muitas vezes pelas simples características morfológicas e decorativas que apresentam: não se confunde facilmente, por exemplo, uma jóia de tipo orientalizante procedente da zona tartéssia do Sudoeste da Península com uma jóia céltica de afinidades centro-europeias, encontrada na região dos castros do Noroeste, ou com qualquer uma outra, bem típica da cultura mais avançada do mundo clássico, helénico ou romano; não se confunde igualmente uma jóia de procedência egípcia com outra fenícia ou etrusca. Existem, como é natural, semelhanças, influências, penetrações, mas as características da procedência original ressaltam geralmente à vista do conhecedor.

Quanto à cronologia, relativa ou absoluta, nem sempre é possível determiná-la pelo recurso aos caracteres tipológicos do exemplar, às condições do achado, isolado ou em conjunto com outras peças seguramente datadas, ao local da descoberta, ao exame laboratorial, etc.; uma jóia da América pré-colombina, por exemplo, apresenta-nos um aspecto imensamente mais rude e arcaico do que muitas das belas jóias de proveniência europeia, ainda que milhares de anos mais antigas do que aquela; uma jóia ou uma moeda visigótica são objectos artisticamente muito mais imperfeitos do que uma jóia ou uma moeda romana com muitos séculos de anterioridade; não há comparação possível entre o cunho de uma moeda bárbara suevo-lusitana, já do século v da nossa era, e o cunho admiravelmente bem esculpido e artístico de uma moeda grega ou de uma moeda romana do tempo da República ou do Império.

Com os progressos da técnica do trabalho dos metais, a indústria joalheira foi-se naturalmente aperfeiçoando. As mais antigas jóias metálicas, datadas dos tempos eneolíticos, são constituídas por simples lâminas de ouro estendidas a martelo e recortadas a cinzel, adaptadas à sua finalidade — colares, diademas, brincos — umas com-

pletamente lisas, outras contendo apenas uma singela ornamentação constituída por linhas ou séries de pontuações trabalhadas em relevo (*repuxado*).

À medida que a exploração do ouro se tornava cada vez mais intensa e se começou a usar a técnica da fundição e das ligas metálicas, as jóias aparecem-nos então fortes, maciças e pesadas, com ornatos geométricos gravados a buril ou a cinzel, muitos deles semelhantes à decoração incisa da cerâmica do Bronze III, ou Bronze final peninsular, ou já dos começos do Ferro I.

Mais tardiamente ainda, com a descoberta dos processos da soldadura, a ornamentação das jóias áureas ou argêntas apresenta-se enriquecida e opulenta, e simultaneamente elegante e delicada, como pode apreciar-se nos trabalhos de filigrana, na finíssima decoração a buril e na técnica das superfícies cobertas de um granulado ou poalha de ouro, característica de muitos exemplares especialmente de procedência ou de influência etrusca.

*

Perante a importância indiscutível de um estudo completo da joalheria arcaica peninsular, impõe-se uma catalogação sistemática, por épocas, espécies, características morfológicas e «motivos» ornamentais, localização dos centros de fabrico, e, finalmente seus pesos, medições, toques e ligas metálicas, e definição geral das várias escolas artísticas, dentro de cada época.

Um *Corpus* da joalheria hispânica nestes moldes seria uma obra a todos os títulos notável no mundo da Arqueologia. Na sua organização deveriam trabalhar simultaneamente arqueólogos especialistas das duas nações peninsulares, e a obra seria largamente ilustrada e documentada com reproduções, a preto e a cores, dos exemplares mais típicos e importantes de cada espécie.

No propósito de contribuirmos com uma achega, embora modesta, para a elaboração desse volume monumental, que deveria ser gráficamente uma obra de luxo, reunimos, com essa finalidade, alguns elementos da extensa bibliografia que nos foi possível alcançar, pois, sem o recurso ao que até hoje tem sido escrito e publicado, não será fácil proceder-se a qualquer estudo sério, compara-

tivo e devidamente documentado, da nossa joalheria primitiva. É evidente que o presente índice bibliográfico está longe de constituir uma documentação exaustiva, pois ainda muitas citações teremos deixado de mencionar, seja por lapso ou por desconhecimento das respectivas publicações. Gratos ficaríamos a quem nos quisesse apontar as involuntárias omissões, dando-nos conhecimento de outras obras ou notícias avulsas, ou mesmo de jóias ainda inéditas, como são muitas das pertencentes ao Museu Etnológico de Lisboa, e das que se encontram em mão de coleccionadores particulares.

Contudo, da relação bibliográfica e estatística que a seguir apresentamos, podemos, apesar de incompleta, tirar desde já algumas conclusões de ordem geral, a respeito da joalheria arcaica peninsular:

Entre as peças encontradas em maior número figuram, em destacada quantidade, os colares de aro rígido, maciços, que têm a designação de *torques*, jóias essas de indiscutível origem centro-europeia, ou melhor, céltica, cujo uso remonta na Península ao Bronze III ou final, e se prolonga pela Idade do Ferro, chegando mesmo talvez até a época histórica, como deixa suspeitar, por exemplo, um diploma medieval português, de meados do século X (o Testamento de Mumadona), em que, na relação dos objectos de uso litúrgico doados por aquela dama neogoda ao Mosteiro de Vimaranes, se incluem «*torques deauratas et lapidibus ornatas*», possivelmente com o significado de coroas sagradas, e não de colares. Menos frequentes são todavia os achados de colares de outra espécie, isto é, constituídos por elementos articulados entre si, tais como contas e outras peças de diversos feitios, usados como gargantilhas, por vezes com pingentes em suspensão.

Em seguida ao grupo destas peças, cabe lugar, por sua vez, quer em quantidade quer em frequência de achados, aos braceletes e pulseiras de ouro, prata e bronze, jóias ornamentais ainda hoje em pleno uso feminino, com seus protótipos em remotos espécimes dos tempos neolíticos, obtidos de conchas de moluscos perfuradas, as conhecidas pulseiras feitas de valvas de *Pectunculus*.

O antigo uso de braceletes metálicos, bem como o de torques, foi extensivo tanto aos indivíduos do sexo feminino como do masculino, não sendo raro vê-los em

exemplares da estatuária antiga, como seja nas rudes figuras proto-históricas de granito representativas de «guerreiros galaicos», o mesmo se verificando em estátuas de outras épocas e culturas, tal como, por exemplo, na célebre escultura helenística, do séc. III a. C., conhecida pela designação de «Gálata ferido», pertencente ao Museu Capitolino, de Roma, a qual também apresenta um torques ao pescoço.

São variados os modelos dos antigos braceletes e pulseiras, por vezes serpentiformes, enrolados em hélice; outros são de aro único, com ornamentação de motivos geométricos muito singelos, praticados a punção, ou ostentando ricas decorações feitas com finíssimo buril; outros, ainda, mostram delicadas aplicações de ornatos em filigrana, executados com o emprego da solda. Os achados mais numerosos destas peças são geralmente procedentes de espólios de sepulturas agrupadas em necrópoles, ou isoladas.

São também bastante vulgares os achados das jóias das orelhas, os brincos, alguns deles de modelos clássicos, de época romana tardia, constituídos por um aro aberto na parte superior, tendo na inferior um apêndice triangular, formado de pequenas esferas imitando um cacho de uvas.

Mais caracteristicamente hispânicas do que os brincos, são as argolas a que se dá o nome de *arrecadas*, ainda hoje muito em uso pelas camponesas das populações rurais luso-galaicas do Noroeste da Península. São magníficos exemplares, de grande tamanho, alguns deles acusando nitidamente remota influência oriental, como sejam, por exemplo as belas arrecadas fenícias de Aliseda (Cáceres), e a réplica menos sumptuosa, mas semelhante, constituída pelas arrecadas do tesouro há pouco aparecido em Portugal, na Herdade do Gaio, a sul de Sines, perto da costa atlântica, na Antiguidade muito frequentada pelas naves comerciais que, de *Gades* e de *Tartessos*, se dirigiam para o Norte, na rota do estanho das Cassitérides, e cujos nautas mercadores aportavam naturalmente a *Cetóbriga* (= Tróia de Setubal?), no estuário do Sado, rio então navegável até *Salácia*, ancoravam em seguida em *Olisipo*, na vasta baía do Tejo, e noutros portos de toda a costa lusitana e galaica.

Frequentes são também os lindos anéis romanos, com interessantes trabalhos de glíptica praticada em pedras finas, representando geralmente figuras mitológicas, divindades do panteão romano, animais, etc.. Algumas dessas pedras aparecidas em Portugal foram por nós relacionadas num pequeno trabalho publicado há poucos anos (*Rev. de Guimarães*, 1962, LXXII, 155).

São raras as fíbulas e fivelas de ouro ou de prata, pois apesar de serem objectos que aparecem quase sempre em abundância nas explorações castrejas, esses exemplares são vulgarmente de bronze.

Finalmente, de toda a nossa joalharia arcaica, as peças de maior raridade são, como aliás é natural, as que contam o passado mais remoto, datadas do Eneolítico, ou provenientes de espólios recolhidos em jazidas dos começos do Bronze, em especial diademas, lúnulas ou aplicações de finas chapas de ouro dos vestuários ricos que os Romanos designavam *vestes auratae*, ornamentados com essas *bractea*e, geralmente de forma discoide, como as do tesouro de Cabeceiras de Basto, pertencentes ao Museu Etnológico, a do Museu da Figueira da Foz, ou a do Museu de Soares dos Reis, do Porto, esta de forma quadrangular, contendo esculpida a cabeça da Ninfa Aretusa, em graciosa imitação do cunho de um decadracma de Siracusa, do século IV a. C.

As lúnulas têm uma tradição muito remota, confirmada em Portugal por alguns exemplares em calcário, encontrados nas Grutas artificiais de Carenque, do período eneolítico. Os exemplares de ouro deste tipo de jóias são em geral já da Idade do Bronze, como por exemplo a lúnula de Cabeceiras de Basto; algumas são de prata, de data mais recente, como as do tesouro de Chão-de-Lamas.

A maioria dos arqueólogos ingleses perfilha a opinião de que as lúnulas tiveram sua origem na Irlanda, em vista da grande quantidade de achados verificados nesse país; e que, da Irlanda, o seu uso teria passado ao continente europeu, onde aliás são muito menos abundantes. Porém, outros investigadores mantêm opinião contrária, como por exemplo o Sr. H. N. Savory, do Museu de Cardiff (vide *Revista de Guimarães*, 1950, LX, 360), e, em Portugal, o Sr. Prof. M. Heleno (ver *Ethnos* 1935, I, 242), os quais consideram essas jóias de origem continental.

Destas breves considerações, resultantes de uma singela análise dos tipos de jóias arcaicas da Península Ibérica, onde outrora o ouro abundava e fôra activamente explorado desde os tempos pré-históricos, mas com maior intensidade a partir da Época do Bronze até final do domínio romano, podemos tirar algumas ilações, apoiadas na frequência dos achados de cada uma destas espécies sumptuárias, na localização da sua procedência e na fixação, embora hipotética, dos seus focos de origem e de expansão. Assim, podemos talvez considerar, em toda a nossa joalheria primitiva, seis agrupamentos, cronológica e tipologicamente distintos:

- a) Jóias pré-históricas, muito singelas, da época eneolítica e do Bronze inicial, encontradas em grutas naturais e artificiais, dólmenes e outras jazidas funerárias.

(Exemplares típicos: brincos da Gruta da Ermegeira; lúnula e brácteas de Cabeceiras de Basto; diademas da Quinta da Água Branca e de Balugães, de Cehégín, de Melide e da Cueva de los Murcielagos; etc.).

- b) Jóias de carácter orientalizante procedentes especialmente das regiões peninsulares mediterrâneas (cultura ibérica e tartéssia) e das zonas atlânticas do sul e ocidente, onde mais directamente se fizeram sentir as influências fenícia, grega e púnica, resultantes de contactos comerciais, por via marítima, com estes povos, e através das feitorias que eles estabeleceram nas zonas costeiras da Hispânia.

(Exemplares típicos: diadema de Jávea; diadema e arrecadas de Aliseda; arrecada procedente de Andaluzia, da Colecção Vives e actualmente no Museu Arqueológico Nacional de Madrid; o tesouro de El Carambolo, Sevilha; o colar e arrecadas de Sines; etc.).

- c) Jóias pré-romanas, de origem ou influências da Europa Central, com nítido carácter céltico, e de uso mais evidenciado no Noroeste e centro da Península (zona castreja e zona celtibérica). Pertencem às épocas do Bronze final e

de Hallstatt, perdurando durante o chamado período post-hallstático da Península, até a época romana.

(*Exemplares típicos*: a maioria dos torques encontrados, jóia esta caracteristicamente céltica; os colares maciços de Penela e de Évora; a xorca de Sintra; os diademas de Ribadeo e de Vega de Ribadeo; os braceletes de Gondeiro, Amarante; o colar laminiforme de Álamo, Moura; etc.).

- d) Jóias proto-históricas, de origem ou influência etrusca e romana datadas da Idade do Ferro.

(*Exemplares típicos*: são características deste grupo as jóias áureas que apresentam um fino granulado, espécie de poalha de ouro, com técnica da filigrana, e gravações delicadas, como sejam as arreçadas da Citânia de Briteiros, o bracelete de Lebução, os torques de Lanhoso e de Vilas Boas, etc.).

- e) Jóias do período hispano-romano, de época tardia.

(*Exemplares típicos*: grande parte dos anéis, brincos e colares com pedras engastadas, fíbulas de ouro e prata, taças e outras peças de baixela, etc.). Aparecem geralmente nas regiões peninsulares onde floresceram centros de mais avançada cultura.

- f) Jóias da época visigótica, em que a Espanha é bastante rica, mas raras em Portugal.

I—JÓIAS PORTUGUESAS

- 1 AFONSO DO PAÇO, «Espirais de ouro de Montes Claros de Baixo (Vimieiro, Arraiolos)», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6 1965, p. 161.
- 2 — «Braceletes de Évora», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, 1965, p. 165.
- 3 — «Colar de Reguengos de Monsaraz», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, 1965, p. 166.

- 4 — «Colar de Portel (Évora)», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, 1965, p. 168.
- 5 — «Jóias pré-históricas de Montes Claros de Baixo (Vimieiro, Arraiolos)», *Revista de Guimarães*, Vol. LXXVI, Guimarães 1966, p. 157.
- 6 AFONSO DO PAÇO e MAXIME VAULTIER, «Braceletes de ouro de Atougúia da Baleia (Peniche)», Lisboa 1946.
- 7 ALBERTO CERVEIRA, «Nota sobre as minas de ouro da Serra da Lousã», *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Porto, 1947.
- 8 ANTÓNIO A. ROCHA PEIXOTO, «As filigranas». *Portugália*, Porto 1905-1908, vol. II, p. 567.
- 9 ANTÓNIO BLANCO FREIJEIRO, «En torno a las joyas de Lebução», *Revista de Guimarães*, 1958, vol. LXIII, p. 155 ss.
- 10 ANTÓNIO CRUZ, «Novos vestígios da ocupação do Têrmo do Porto pelos Romanos», *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto 1940, Vol. III, Fasc. 2, p. 206.
(Dois aros de folha de ouro. No Museu de Sores dos Reis, Porto. Aparecidos numa sepultura, em Bairros, S. Martinho de Bougado).
- 11 ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES, «Da ourivesaria medieva em Portugal», *Rev. Ocidente*, Lisboa 1959, p. 329.

Já depois de concluída a composição tipográfica deste artigo, tivemos conhecimento, por obsequiosa informação do arqueólogo Sr. Dr. João J. Rigaud de Sousa, das duas verbas infra, que damos nesta nota, para não alterarmos a numeração das citações bibliográficas e a sua correlação nos índices finais.

ABEL VIANA, «Necrópole romano-suévica de Beiral (Ponte de Lima)», *Arquivo do Alto Minho*, Viana do Castelo, 1961, vol. X, tomo II, p. 115.

(Elementos soltos de um colar de ouro e um anel com pedras. No Museu de Etnografia e História, do Porto).

— Referências a um bracelete, a dois anéis de ouro procedentes de Beja e a um anel de ouro provenientes de Santa Cruz (Santiago de Cacém), *Arqueologia Prática*, Beja, 1962, fig. 135, p. 117; figs. 136, 138, 140, pp. 118, 119.

- 12 ANTÓNIO MENDES CORREIA, Arrecada procedente de S. Martinho de Anta, (Sabrosa, Vila Real), *História de Portugal*, ed. de Barcelos, 1928, vol. I, p. 190.
- 13 A. I. MARQUES DA COSTA, «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal», *O Arch. Port.*, XII, p. 329, 335 e est. VI.
(Jóias de ouro encontradas nas Grutas de Casal do Pardo, Est. VI, figs. 320-324 e 387, 388, e 389).
- 14 ANTÓNIO SANTOS ROCHA, «Estudo sobre um artefacto pré-romano d'ouro descoberto no Algarve», *Boletim da Sociedade Archeológica «Santos Rocha»*, vol. I, n.º 2, p. 64-67.
(Disco de ouro no Museu da Figueira da Foz).
- 15 — «Tesouro funerário da Lameira Larga», *O Archeologo Português*, Lisboa 1909, vol. XIV, p. 44.
- 16 AUGUSTO DE MELO NOGUEIRA, «Uma exploração de minas de ouro da época romana». Lisboa 1936-37, tomo III, *Revista de Arqueologia*, p. 201.
- 17 CARLOS TEIXEIRA, «Os torques do Castro de Lanhoso», *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 1939, tomo XXIV, n.º 4, p. 245.
- 18 — «O Castro de Lanhoso e o seu espólio» (Três torques de ouro), *Actas do Congresso do Mundo Português*, Lisboa 1940, Vol. I, pp. 521-522 e figs. 14, 15 e 16.
- 19 — «El arte de las filigranas en los Castros del Miño», *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, Madrid 1944.
- 20 COTELO NEIVA e PASTORA CHOROT, «Alguns jazigos de ouro do Alto-Minho», *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço do Fomento Mineiro*, Porto 1945, vol. I, fasc. 3-4, p. 190.
- 21 ÉMILE DE CARTAILHAC, «Un nouveau torques d'or en Portugal», *L'Anthropologie*, Paris 1896, tomo VII, p. 373.
- 22 EUGÉNIO JALHAY, «O Tesouro de Álamo (Moura, Alentejo)». *Brotéria*, Lisboa, 1931, vol. XII, p. 35.
(No Museu Etnológico de Lisboa).

- 23 — «Uma Jóia de oiro na Citânia de Sanfins». *Brotéria* Lisboa 1950, tomo L, fasc. 1, p. 38.
- 24 FELIX ALVES PEREIRA, «Estação Arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)». *O Arch. Port.*, XIX, 138.
(Duas argolas de ouro).
- 25 FERNANDO DE ALMEIDA e O. VEIGA FERREIRA, «Antiguidades de Monsanto da Beira», *Rev. de Guimarães*, Vol. LXVI, p. 419 e est. v (1956).
(Diadema, brinco e anel de ouro).
- 26 FERNANDO NUNES RIBEIRO, «Um anel antigo», *Conimbriga*, Coimbra, 1960, vol. II, p. 243.
- 27 F. RUSSELL CORTEZ, «Ponteira em ouro dum punhal visigótico de Vila Nova de Paiva, *Ampurias*, Barcelona 1945-46, Vol. VII-VIII, p. 351.
- 28 — «O bracelete de Estremoz», Porto 1954. *Rev. Nummus*, vol. II, 1954, pp. 71-73.
- 29 FRANCISCO ALVAREZ-OSSÓRIO, «Noticia acerca de una joya posthallstática portuguesa», *Corona de Estudios*, Madrid 1941, vol. I, p. 35, est. II.
- 30 F. MARTINS SARMENTO, «A argola encontrada em Penela». Guimarães 1933, *Dispersos*, p. 208.
- 31 — Sete braceletes de ouro foram encontrados em Folgoso e Pena-Lobo (Beira-Baixa), dois dos quais adquiridos pelo autor e oferecidos ao Museu de Guimarães, de onde foram roubados em 1898. *Dispersos*, Guimarães 1933, p. 140.
- 32 GABRIEL PEREIRA, «Torques de Reguengos», *Manuelinho de Évora*, periódico n.º 287 de 20 de Julho de 1886.
- 33 — «O collar da Penha Verde», *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, Lisboa 1898, tomo VII, 3.ª série, p. 77-78.
- 34 HENRIQUE BOTELHO, «Archeologia de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.* xv, 84-86.
(Taça e bracelete de prata, da povoação de Guiães, concelho de Vila Real. No Museu Etnol).

- 35 *O Arch. Port.* IX, 169.
(Pulseira de ouro de Moções, freguesia de Torgueda. No Museu Etnol.).
- 36 — «Xorca de ouro de Vinhós», *O Arch. Port.*, XI, 271.
(Apareceram 4, uma das quais está no Museu Etnol., e 3 foram fundidas por um ourives do Porto).
- 37 JOÃO DE CASTRO NUNES, «Materiais Arqueológicos do conc. de Góis: I — Um brinco da época Romana». *Arquivo Histórico de Góis*, n.º 3-4 de 1956.
- 38 JOÃO SAAVEDRA MACHADO, «O torques de ouro de Vilas Boas de Trás-os-Montes», *Ethnos*, vol. IV, p. 313, Lisboa 1965, e *Arch. Esp. de Arq.* t. XXXVIII, Madrid 1965, p. 75.
- 39 JOAQUIM DE VASCONCELOS, «A ourivesaria profana». *Arte Portuguesa*, Porto, 1882, p. 14.
- 40 — «Ourivesaria portuguesa». *Notas sobre Portugal*, 1909, vol. II, pp. 235-240.
- 41 — Revista *A Arte*, de Marques Abreu. Porto, 1912.
(Aros de ouro procedentes de Bougado. No Museu de Soares dos Reis, do Porto).
- 42 J. POSSIDÓNIO N. DA SILVA, «Colar de Penela (Condeixa-a-Velha)», *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, Lisboa 1883, tomo IV, 2.º série, n.º 4, p. 62.
(Com uma fotografia e desenho no tamanho nat. Desaparecido do Palácio das Necessidades em Outubro de 1910).
- 43 J. R. DOS SANTOS JUNIOR e OSVALDO FREIRE, «O torques de Vilas Boas (Vila Flor)». *Revista de Guimarães*, 1965, Vol. LXXV, p. 137 ss.
- 44 JOHN C. ALLEN, «A mineração em Portugal na Antiguidade», *Boletim de Minas*, Lisboa 1965, vol. II, n.º 3.
- 45 JOSÉ FORTES, «Fíbulas e fivelas (Fíbula romana, de prata, procedente de Mogadouro)», *O Arch. Port.*, Vol. IX, p. 1. No Museu Etnológico.

- 46 — «Museu Municipal Azuaga», *Portugália*, II, p. 119.
(Torques de prata de Cortinhas, S. Mamede de Riba-Tua).
- 47 — «A sepultura da Quinta da Água Branca (Idade do Cobre)». *Portugália*, Porto, Vol. II. (1905-1908) pp. 245-249.
(Diadema, espirais e aros de ouro. No Museu Etnológico).
- 48 — «Duas jóias arcaicas» (Colar de Vale da Malhada e Bracelete de Bairro), *Portugália*, II (1905-1908), Porto, pp. 412-416.
- 49 — «Bibliografia», *Portugália*, Porto, Vol. II, p. 492.
(Referência à placa de ouro, de forma discoide e ornamentada, procedente da necrópole romana de Fonte Velha, freg.^a de Bensafrim, Algarve. No Museu Municipal da Figueiredo da Foz).
- 50 — «Ouros protohistóricos de Estella (Póvoa de Varzim)». *Portugália*, Vol. II. Porto, 1905-1908, p. 605-618. No Museu de Soares dos Reis.
- 51 JOSÉ DE PINHO, «O Tesouro de Gondeiro». *Penha-Fidelis*, Penafiel, 1929, p. 205.
(Duas pulseiras de ouro. No Museu de Martins Sarmiento).
- 52 — Armilas de Vila Verde. (Citadas em *Penha Fidelis*, 1929, p. 208-nota 3).

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, Aquisições do Museu Etnológico de Lisboa, registadas n' *O Archeologo Português*:

- 53 *Vol. I*, 159 e 314, e vol. II, 22 — «Archeologia Lusitana». Um bracelete de ouro e metade de outro, aparecidos em Cantanhede.
- 54 » 220 — Um anel romano de ouro e um brinco antigo, procedentes do Algarve.

- 55 » 222 — Um torque, uma armila e o fragmento de um objecto entrançado, tudo de prata.
- 56 *Vol. IV,* 243 — Um anel de prata antigo.
- 57 » 288 e vol. XIII, 356 — Dois anéis e uma fíbula de ouro.
- 58 *Vol. X,* 48 — Uma xorca de ouro procedente de Vila do Conde.
- 59 » 382 — Quatro objectos de ouro anulares.
- 60 *Vol. XI,* 285 — Dois anéis de ouro, duas fivelas de ouro com pedras, uma pedra engastada em ouro, da época visigótica, proveniente de Beja, e duas xorcas de ouro procedentes de Torres Vedras.
- 61 » 287 — Uma pulseira de ouro.
- 62 » 351 nota 3 — Alguns braceletes lisos e um canelado, de ouro, procedentes de Beja (*Vide também Religiões da Lusitania*, III, 118, fig. 51).
- 63 » 352 — Cinco grupos de anéis de ouro enrolados em hélice.
- 64 *Vol. XII,* 110 — Uma fita de ouro, diadema pré-romano?
- 65 » 218 — Um anel de ouro com pedras, uma pequena palma de ouro de Beja e várias roscas de ouro provenientes de Serpa.
- 66 *Vol. XIII,* 161 — Um bracelete de ouro, pré-romano, procedente da freguesia do Bairro (Vila Nova de Famalicão).
- 67 *Vol. XV,* 247 — Tesouro da Quinta da Água Branca: 2 espirais de ouro, um diadema e dois aros de ouro, um bracelete de prata e uma tijela de prata.

- 68 *Vol. XVIII*, 141 — Duas espirais de ouro, procedentes de Avis (Herdade de S. Martinho), encontradas dentro de um vaso de barro, em terreno virgem.
- 69 » 154 — Um anel de ouro encontrado perto do Convento da Batalha.
- 70 » 161 — Três xorcas de prata procedentes da freguesia de Monforte da Beira (Castelo Branco). Duas xorcas e uma trança de prata procedentes do Casal de Chão das Covas (Vila Velha do Ródão).
- 71 *Vol. XIX*, 368 e XXIV, 245 — Fragmento de uma hélice de ouro, procedentes de Cesareda.
- 72 *Vol. XX*, 299 nota 1 — Duas folhinhas de ouro encontradas perto de Beja.
- 73 *Vol. XXII*, 296 — Um anel antigo de ouro comprado em Abrantes.
- 74 » 337-338 — Fragmento de uma corrente de ouro, procedente de uma sepultura romana de Santa Menina (Fundão).
- 75 » 341 — Uma xorca de ouro de fios entrançados procedente de Monforte da Beira.
- 76 *Vol. XXIV*, 245 — Um anel de ouro romano, adquirido por compra, e um fragmento de espiral aparecido em Cesareda.
- 77 *Vol. XXVIII*, 182 — Três brincos de ouro, romanos.
- 78 *Religiões da Lusitania*, vol. III, Lisboa 1913, p. 435, nota 3 e p. 431, fig. 219, «Necrolatria: 3 — Insculturas simbólicas». (Referência a uma arrecada de ouro em forma de crescente lunar, ornada de discos, adquirida pelo Museu).

- 79 *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, p. 181, hélice de ouro da necrópole do Barro (Torres Vedras). Pág. 182, diadema de S. Mamede de Óbidos. Pág. 364, uma xorca de ouro do concelho de Santarém e parte de outra, figs. 54 e 55 de p. 365. Pág. 368, xorca de prata de três fios torcidos, procedente do concelho de Idanha. Todos estes objectos pertencem ao Museu, que já em 1913 possuía 121 espécimenes, como se diz a p. 194.
- 80 Duas xorcas encontradas perto de Almoester, adquiridas pelo Museu Etnológico.
- 81 «Novo achado de braceletes pré-romanos», *O Arch. Port.*, vol. II, p. 86 (Encontrados no Lugar das Baralhas, Macieira de Cambra). Actualmente no Museu de Soares dos Reis, no Porto.
- 82 «Antiguidades do Alentejo: IX-Brincos de ouro romanos», *O Arch. Port.*, vol. XXVIII, p. 181). Adquiridos pelo Museu Etnológico.
- 83 «Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal», *O Arch. Port.*, vol. I, p. 81 (Armila de ouro pertencente ao Museu de Alcacer do Sal).
- 84 «Um torques de ouro», *O Arch. Port.*, vol. I, p. 160 (Torques de ouro procedente de Sintra, Casal de Santo Amaro).
- 85 «Xorca de ouro», *O Arch. Port.*, vol. II, p. 17 (Notícia da xorca de Sintra, actualmente no Museu Britânico de Londres. Vide adiante a verba «Duas perdas nacionais», por Mário Cardozo).
- Notícia acerca das jóias antigas de ouro, que o autor conhecia na data da publicação do vol. II de *O Arch. Port.*, pág. 21-22:
- 86 Duas xorcas encontradas em Viseu, na posse do Rei D. Fernando II.
- 87 Uma achada em Penela (Vide J. Possidónio N. da Silva, «Colar de Penela», e Mário Cardozo, «Duas perdas nacionais»).

- 88 Um bracelete de Tavira (Vide, adiante, Sebastião Estácio da Veiga).
- 89 Sete braceletes encontrados em Folgoso e Pena Lobo(Beira Baixa). (Vide F. Martins Sarmento).
- 90 Um colar achado em Reguengos (Vide Gabriel Pereira).
- 91 Dois braceletes achados ao pé de Évora (Vide Mário Cardozo, «Duas perdas nacionais»).
- 92 Duas pulseiras que existiam na colecção do Rei D. Fernando II.
- 93 Um bracelete achado perto do castro de Castelejos (Alcácer do Sal).
- 94 Dois braceletes achados na Pena (Cantanhede).
- 95 «A xorca de ouro de Cintra», *O Arch. Port.*, vol. VII, p. 155 (Vide *O Arch. Port.*, II, 17, art.º intitulado «Xorca de ouro»).
- 96 «Sepultura romana», *O Arch. Port.*, XII, p. 367 (Anel sigilar de ouro com uma pedra, encontrado numa sepultura em Benafim, freguesia de Alte, Loulé).
- 97 «Coisas velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXII, p. 133 (Duas xorcas de ouro, que apareceram perto de Mangualde).
- 98 «Estudos sobre a época do Ferro em Portugal», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, 102 (Jóias de prata do Museu de Castelo Branco).
- 99 JOSÉ MIGUEL DA COSTA, «O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines)», *Ethnos*, Lisboa 1966, vol. V, pp. 529 ss.
- 100 J. SILVA CARVALHO e O. VEIGA FERREIRA, «Algumas lavras auríferas romanas». *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço do Fomento Mineiro*, Porto, 1954, Vol. X, fasc. 1-4, p. 20.

- 101 JUAN CABRÉ Y AGUILÓ, «El tesoro de Chão de Lamas (Miranda do Corvo, Portugal)», *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Pre-história*, Madrid 1927, tomo VI, p. 263.
- 102 — «El tesoro de Penha Garcia (Portugal)», *Ibidem*, Madrid 1930.
- 103 LEONEL TRINDADE e OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA, «Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras)», *Revista de Guimarães*, Vol. LXXIV, 1964, p. 271.
- 104 LUIS CHAVES, «As filigranas». Edições SPN, Lisboa 1942.
- 105 LUIS MONTEAGUDO, «Nuevas joyas prerromanas del N. de Portugal», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1945, tomo XVIII, p. 87.
- 106 LUIS PINTO GARCIA, «Uma peça de joalheria arcaica». *Revista de Guimarães*, 1953, vol. LXIII, p. 178.
(Uma bráctea de ouro. No Museu Etnológico).
- 107 MANUEL HELENO, «Jóias pré-romanas». *Ethnos*, Lisboa 1935, vol. I, p. 229.
- 108 — «Gruta artificial da Ermegeira». Lisboa 1942, *Ethnos*, Vol. II, p. 457-459 e Est. II.
- 109 — «O Tesouro da Borracheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português*, Nova série, vol. II, p. 213, Lisboa 1953.
- 110 MANUEL JOAQUIM DE CAMPOS, «Aquisições do Museu Etnológico Português», *O Arch. Port.* XII, p. 350.
(Um torques de ouro, encontrado em Serrazes, S. Pedro do Sul).
- 111 MANUEL RODRIGUES SIMÕES JÚNIOR, «Pulseira celta?», *Studium Generale*, Boletim do Centro de Estudos Humanísticos, Porto 1962, Vol. IX, tomo 1.º, p. 109.
(Pulseira de ouro encontrada no Lugar de Regoufe, freguesia de Covelo de Paiva, concelho de Arouca. No Museu de Arte Sacra de Arouca).
- 112 MÁRIO CARDOZO «Jóias arcaicas encontradas em Portugal», separata da Revista galega *Nós*, Corunha 1930.

- 113 — «Um crime de lesa-Arte e de lesa-Arqueologia», *Revista de Guimarães*, vol. XLVII, 1937, p. 89.
(Um bracelete de ouro achado no lugar da Cantonha, em Guimarães. No Museu Etnológico).
- 114 — «Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros. Contribuição para a história da indústria da filigrana no Norte de Portugal», *Revista Petrus Nonius*, Lisboa vol. I, fasc. 3, p. 254, 1937, e *Revista de Guimarães*, vol. XLVIII 1938, p. 35.
- 115 — «Uma notável peça de joalheria primitiva», *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto 1942, tomo XXVII, n. 2, p. 89.
- 116 — «Una pieza notable de la orfebrería primitiva», Madrid 1942, *Archivo Español de Arqueología*, vol. xv, pp. 93 ss.
- 117 — «Antiguidades transmontanas: I — Fragmento de um torques de ouro», *Revista de Guimarães*, 1943, vol. LIII, p. 109.
- 118 — «Novo achado de jóias pré-romanas», *Revista de Guimarães*, 1944, vol. LIV, p. 19 ss.
- 119 — «Mais uma achega para o estudo da joalheria pré-histórica portuguesa», *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, n.º 2, Ano I, Barcelos, 1950.
- 120 — «A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana». *Revista de Guimarães*, 1954, vol. LXIV, p. 113 ss.
- 121 — «Notícia de duas novas arrecadas de ouro antigas». *Revista de Guimarães*, vol. LXVI, 1956, p. 449 ss. e *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Coimbra 1956, tomo VIII, p. 55.
- 122 — «Algumas considerações sobre as origens e a técnica da nossa joalheria arcaica», Comunicação apresentada ao I Congresso de Etnografia e Folclore. Braga, Junho de 1956.
- 123 — «Uma aquisição preciosa do Museu de Martins Sarmiento», (o Tesouro de Lebução), *Revista de Guimarães*, 1957, vol. LXVII, p. 417.

- 124 — «Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalheria arcaica peninsular», Guimarães 1957, *Revista de Guimarães*, vol. LXVII, p. 5-46.
- 125 — «Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de «Martins Sarmento», Guimarães 1957, *Revista de Guimarães*, vol. LXVII, p. 179.
- 126 — «Um novo achado em Portugal de jóias de ouro proto-históricas». *Revista de Guimarães*, 1959, vol. LXIX, p. 127 ss.
(Três torques de ouro, de Paradela do Rio. No Museu Etnológico).
- 127 — «Joalheria lusitana», *Conimbriga*, Coimbra 1959, Vol. I, p. 13.
- 128 — «Sobre a forma de usar certas arrecadas proto-históricas (Rectificação etnográfica).» *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, tomo xx, p. 419, 1959-60.
- 129 — «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal». *Revista de Guimarães*, Vol. LXXI, 1961, p. 50 ss.
- 130 — «Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal. *Revista de Guimarães*, vol. LXXII, 1962, pp. 155 ss.
- 131 — «A perda frequente de espécimes preciosos da nossa joalheria arcaica», *Revista de Guimarães* 1965, vol. LXXV, p. 153 ss.
- 132 — «Duas perdas nacionais», *Arquivo de Beja*, Beja 1966-1967, vol. XXIII-XXIV p. 327.
(Colares de Penela e Portel).
- 133 OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA e J. SILVA CARVALHO, «Algumas lavras auríferas romanas», Porto 1954.
- 134 RAUL SARREIRA, «O oiro na antiguidade», *Brotéria*, Lisboa 1942, tomo xxxv, fasc. 2-3, p. 140.
- 135 RICARDO SEVERO, «O thesouro de Lebução», *Portugália*, Porto, 1905-1908, vol. II, p. 1-14.
- 136 — «Os braceletes d'ouro de Arnozella. *Portugália*, vol. II, p. 63-71.
- 137 — Bracelete aparecido em Alijó. *Portugália*, vol. II, p. 68-nota 1.
(Em 1901 pertencia a Torquato L. de Magalhães).

- 138 — «Os torques de Almoester», *Portugália* II, p. 72-74.
- 139 — «O torques de Serrazes», *Portugália* II, p. 109.
- 140 — «O bracelete de Tellões», *Portugália* II, pp. 109-110 e 283.
- 141 — Arrecada aparecida em Afife, citada na *Portugália*, Vol. II, p. 406 e nota 1.
- 142 — «As arrecadas de ouro do Castro de Laundos». *Portugália*, vol. II. Porto 1905-1908, p. 407-418. No Museu de Soares dos Reis.
- 143 RUY DE SERPA PINTO, «Anel espiraliforme de ouro, procedente de Lagares (Grijó de Vale-Benfeito)», *Trabalhos da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1931, vol. V, p. 90, e nota 5.
- 144 — «Bráctea de Siracusa», *O Tripeiro*, Porto, 1930, n.º 1, 4.ª Série.
- 145 — «As fíbulas do Museu Regional de Bragança», (Fíbula de ouro procedente de Vinhas, Macedo de Cavaleiros), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1931, vol. V, fasc. 1, p. 93.
- 146 — «Activité minière et métallurgique pendant l'Âge du Bronze en Portugal. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 1933, tomo XVIII n.º 2, p. 77.
- 147 SALOMON REINACH, «The Évora gorget», *The Antiquaries Journal*, Londres, 1925, vol. V, p. 124.
- 148 SEBASTIÃO ESTÁCIO DA VEIGA, Fragmentos de diadema e de um fecho de ouro da Necrópole de Alcalar, Algarve, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, 1889, vol. III, p. 225 e vol. IV, est. IV, n.º 2 e 2A.
- 149 — Torques de ouro encontrado na Serra da Conceição, de Tavira. *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. IV, 191 ss., est. XXII, n.º 15.
- 150 — *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa 1891, vol. IV, p. 46. est. LV, n.º 6.
(Diadema de Balugães).

- 151 VERGÍLIO CORREIA, «A xorca de oiro de Évora», *Terra Portuguesa*, v, p. 86.
- 152 — Anéis e brincos procedentes de Alcácer do Sal, *O Instituto*, Coimbra, vol. LXXV, 4.^a série, p. 188.
- 153 — «Conimbriga», *O Arch. Port.*, XXI, 261 (Disco de folha de ouro).
- 154 Seis lâminas de ouro de 2,5 × 2 cm. com uma canelura em cada extremidade e ornamentadas com 3 faixas de 5 círculos separados por pequenos traços paralelos. Açadas em Vila Seca, Sever do Vouga, em 1915.
(Informação do falecido Dr. Alberto Souto, de Aveiro).
- 155 Luís Keil, de Lisboa, falecido, possuía umas jóias de ouro, romanas (brincos).
- 156 José Teixeira, proprietário bracarense, possuía uma faixa de ouro de 0,55 m de comprimento, que foi achada em Braga, num túmulo formado de grandes pedras, com dois orifícios.
(Notícia do falecido Dr. Nicolau Gonçalves).
- 157 Três colares rígidos de ouro, aparecidos em Baiões, S. Pedro do Sul, em Junho de 1948, quando se abria uma estrada de acesso à capela da Sr.^a da Guia.
(Informação de F. Russel Cortez, *Arch. Esp. de Arqueologia*, vol. XXI, p. 275. Deste achado deu também notícia o jornal «Diário de Lisboa», na correspondência de Viseu, de 29-3-48).
- 158 Cilindro oco, de ouro, procedente de Sever do Vouga.
(Informação de F. Russel Cortez, *Arch. Esp. de Arqueologia*, vol. XXI, 1948, p. 275).
- 159 Um bracelete de ouro achado perto de Arouca, num monte de Covelo de Paiva.
(Informação de F. Russel Cortez, *Arch. de Arq.*, vol. XXI, 1948, p. 274, e fig. 1).
- 160 *A Guide to the Antiquities of the Bronze Age*, ed. do Museu Britânico, de Londres, p. 148 (Referência à xorca de Sintra, adquirida por aquele Museu. Vide Mário Cardozo, «Duas perdas nacionais»).

- 161 Um anel de ouro tendo no sinete uma rosácea de oito pontas. No Museu de Antropologia do Porto.
(Notícia do Dr. J. R. Santos Júnior).
- 162 Brincos de ouro, chapa de ouro, duas pulseiras de ouro, objectos da época pré-romana, do Museu de Soares dos Reis, *Catálogo das Jóias do Museu Nacional de Soares dos Reis*, Porto 1942, p. 6.
- 163 Um brinco de ouro romano.
(Informação do Dr. João de Castro Nunes, em carta de 22-IV-1951).

II—JÓIAS ESPANHOLAS

- 164 A. F. A., «Anillo púnico procedente de Cadiz», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1958, vol. xv, p. 31, est. XXI, 1, 2, 3. (Museu Arqueológico Nacional de Madrid).
- 165 — «Nuevas piezas de plata del tesoro Ibérico de Salvacanete (Cuenca)», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1958, vol. xv, p. 35 e est. XXII. (Museu Art. Nac. de Madrid).
- 166 A. F. GUERRA Y ORBE, «El collar de oro de Melid. Las voces Torques y Torce», *La Ilustracion Española y Americana*, n.º 24 de 1872.
- 167 ALEJANDRO RAMOS FOLQUÉS, «Un tesorillo bizantino en la Alcudia», *Cronica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español. Elche 1948*. Cartagena 1949, p. 510-513.
- 168 — Anéis e brincos romanos, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1950, Vol. IX-X, p. 174 e est. XLVII, n.º 1-6 e 10-16. (Museu de Elche, Alicante).
- 169 — «Elche (Alicante). La Alcudia, Campaña de 1947», *Noticario Arqueológico Hispanico*, Madrid 1955, vol. II, p. 127-128, est. CVIII e CIX. (Tesouro áureo bizantino composto de dois pendants, seis anéis e um lingote).

- 170 ALFREDO GARCIA ALÉN, «Dos anillos romanos del Museo de Pontevedra», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Madrid 1959, fasc. XLIV, p. 355.
- 171 ANGEL DEL CASTILLO, «Um torques y dos brazaletes», *Boletín de la Real Academia Gallega*, La Coruña, 1942, t. XXII, p. 53.
- 172 ANTÓNIO BLANCO FREIJEIRO, «Orientalia», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 1965, vol. XXIX, p. 3 ss.
- 173 — «Origen y relaciones de la orfebrería castreña», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Santiago de Compostela, 1957, fasc. XXXVI, p. 5 e fasc. XXXVII, p. 137.
- 174 — «El torques de Tremp (Lérida)», Salamanca 1957, *Zephyrus*, vol. VIII, p. 288.
- 175 — «Joyas antiguas de la colección Calzadilla», *Archivo Español de Arqueología*. Madrid 1957, vol. XXX, pp. 193 ss.
- 176 — «Una joya orientalizante del Jandula», Madrid 1959, *Archivo Español de Arqueología*, Vol. XXXII, pp. 113-115.
- 177 — «Amuleto áureo de un collar ibérico», (Museu de Linares), Madrid 1959.
- 178 — «Pátera argêntea com representação de uma divindade lusitana», *Revista de Guimarães*, vol. LXIX, 1959, p. 453 ss.
- 179 ANTÓNIO BLANCO y C. CALLEJO, «Los torques de oro de Berzocana (Caceres)», Salamanca, 1960, *Zephyrus*, vol. XI, p. 250.
- 180 ANTÓNIO BLANCO y E. KUKAHN, «El tesoro de El Carambolo», Madrid 1959, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXII, pp. 38 ss.
- 181 ANTÓNIO GARCIA y BELLIDO, «El tesoro áureo hallado en Golada (Galicia) en 1920». *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1942, vol. XV, p. 167.

- 182 — «El Arte Ibérico. El arte de las tribus celtas», *Ars Hispaniae*, Madrid 1947, vol. I.
- 183 — *Arte romano*, Madrid 1955.
- 184 AUGUSTO FERNANDEZ DE AVILÉZ, «Anillo punico con escarabeo procedente de Cadiz», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1955, vol. xxviii, pp. 274 ss.
- 185 Balsa de la Vega, «Orfebrería Gallega», *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*, vol. xx, p. 119.
- 186 BASILIO OSABA, «Dos torques de oro celtas, en la provincia de Burgos», Salamanca 1957, *Zephyrus*, vol. VIII, p. 169-171.
- 187 BLAS TARACENA, «Tres fragmentos de la diadema céltica de oro, procedente de Ribadeo», *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional (1940-1945)*..
- 188 *Catálogo de la Exposición de Orfebrería Civil Española celebrada en Madrid, en 1923*, por la Sociedade Española de Amigos del Arte.
- 189 CAYETANO DE MARGELINA, «La Citania de Santa Tecla», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, 1943-44, tomo XI, pp. 37-38 e est. XLVII.
(Remate de un torques de ouro e cabo de prata de um punhal).
- 190 CLARISA MILLÁN GARCIA DE CÁCERES, «En torno a la vajilla argentea de Abengibre (Albacete)», *Cronica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español*, Albacete 1946, p. 290 e lams. xxiii, xxiv.
- 191 — «Anillo iberico e anillos romanos», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1958, vol. xv, pp. 38, 39 e est. xxiii. (Museu Arq. Nac. de Madrid).
- 192 — «Colar de oro y ámbar», *Memorias de los Museos Arqueol. Prov.*, Madrid 1960, vol. xvi-xviii, p. 63 e est. vi. (Museu Arq. Nac. de Madrid).
- 193 — «Joyas antiguas de Andalucía y joyas antiguas de distintas épocas», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1960, Vol. xvi a xviii, pp. 49-55 e est. LXI a LXIII.

- 194 CONCEPCIÓN BLANCO DE TORRECILLAS, «El tesoro del Cortijo de «Évora» (Sanlúcar de Barrameda)», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1959, vol. xxxii, pp. 50 ss.
- 195 CONCEPCIÓN FERNANDEZ CHICARRO Y DE DIOS, Anel romano de ouro, com pedra de ágata, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1948, vol. VIII, p. 153 e est. LXII, 2 e 3. (Museu de Sevilha).
- 196 — Pedra de cornalina de um anel romano, com um touro gravado, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1950, Vol. IX-X, p. 115 e est. XL. (Museu de Sevilha).
- 197 — «Camafeos y entalles del Museo Arqueologico Provincial de Sevilla», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1953, pp. 70-74 (Museu de Sevilha).
- 198 — Barrinha de ouro com decoração, procedente de Lora del Rio (Sevilha), *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1953, p. 193, fig. 124 e est. LXII.
- 199 — Brinco de ouro romano procedente de Utrera (Sevilha), *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1956, vol. XIII-XIV, pp. 62-63 e est. XXIII-1. (Museu de Sevilha).
- 200 — «Tesoro del cortijo de Évora, (Sanlúcar de Barrameda, Cadiz)», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1963, Vol. XIX-XXII, p. 156 e est. XXV, XXVI.
- 201 — «Catalogo de la Exposición de Arqueologia celebrada en Sevilla con motivo del Congreso», *Actas del VIII Congreso Nac. de Arq.*, 1963, Zaragoza, 1964, pp. 99 ss.
- 202 ELÁDIO OVIEDO ARCE, «Dos nuevos torques de oro», *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 99, La Coruña, 1915.
- 203 E. ROMERO TORRES, «Tesoro de Fuensanta (Jaén)», *Boletín de la Real Academia de la História*, vol. LXVI, Madrid 1915.
- 204 E. TORMO, «El Tesoro ibérico de Jávea. Descubrimiento y adquisición», *Cultura Española*, v, 1907, p. 256.

- 205 FEDERICO MACIÑEIRA, «Un nuevo torques gallego de oro», *Boletín de la Real Academia Gallega*, vol. XIII, 1923.
- 206 FERMIN BOUZA-BREY, «Novo torques de ouro», *Boletín de la Real Academia Gallega*, 1926.
- 207 — «Excavaciones en Galicia. Un hallazgo sensacional», *El Pueblo Gallego* de 6 de Agosto de 1930, p. 10.
(Remate de un torques de oro hallado en el monte de Santa Tecla).
- 208 — «O brazaletes posthallstático de Toén», *Boletín de la Universidad de Santiago, dedicado al Prof. Rodríguez Cadarso*, Santiago de Compostela 1934.
- 209 — «El tesoro prehistorico de Caldas de Reyes (Pontevedra)», *Atlantis*, Tomo XVI, Madrid 1941, e nos *Informes y Memorias da Comisaria General de Excavaciones Arqueologicas*, Madrid 1942, p. 19.
- 210 — «El Tesouro de Caldas», *El Museo de Pontevedra*, Pontevedra 1942, p. 61-71.
- 211 — «El peine de oro del tesoro prehistorico de Caldas de Reyes», *Boletín de la Real Academia Gallega*, 1942, p. 187-203.
- 212 — «El Tesoro de Caldas de Reyes», *Boletín de la Real Academia Gallega*, La Coruña 1942, p. 332.
- 213 — «Inventário de objectos prehistóricos del Tesoro de Caldas de Reyes (Galicia)», (Resumo em português), *Actas do XVII Congresso Luso-Espanhol para o Progreso das Ciências*, Porto 1943, p. 151.
- 214 — «Dos torques áureos», *El Museo de Pontevedra*, 1944, p. 106.
- 215 — «Nueva joya protohistórica gallega». *Actas y memorias de la Sociedad Española da Antropologia, Etnografia y Prehistoria*, Madrid 1946, tomo XXI, p. 119.
- 216 — «El tesoro romano de Deiro», Madrid 1961, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, t. XVI, p. 259.
- 217 — «Tres torques aureos de Galicia», Madrid 1965.
- 218 FERNANDO JIMENEZ, «Hallazgo de un anillo con Capricornio Augusteo cerca de Trujillo», Salamanca 1955, *Zephyrus*, tomo VI, p. 300.

- 219 F. J. P. V. «Brazaletes en espiral de oro», *Noticario Arqueológico Hispánico*, Madrid 1964, vol. VI, p. 419 e lam. CIII. Villanueva del Río (Sevilla).
- 220 FLORENTINO CUEVILLAS, «Novos exemplares da ourivesaria prehistorica galega» e «Nota encol do tesoro da Golada», *Bulleti de la Associació Catalana de Arqueologia, Etnologia i Prehistoria*, Barcelona 1926.
- 221 — «Nota encol das lunulas atopadas na Galiza», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Compostela 1931, Tomo IV, p. 133 ss.
- 222 — «Os torques do Noroeste Hispanico», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela, 1932, tomo IV, pp. 97 e ss.
- 223 — «Los brazaletes posthallstáticos del Noroeste Hispanico», *Archivo Español de Arte y Arqueología*, Madrid, 1932, p. 225.
- 224 — «Una nueva arracada posthallstática», *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 1939, tomo XII, n.º 247, p. 141.
- 225 — La diadema aurea de Ribadeo, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Madrid 1951, fasc. XVIII, p. 23.
- 226 — *Las joyas castreñas*, Madrid 1951.
- 227 — «Un disco solar», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Madrid 1958, tomo XIII, p. 292.
- 228 FRANCISCO ALVAREZ-OSSORIO, «Joyas de oro post-hallstáticas procedentes de Cangas de Onis», Madrid, 1931.
- 229 — «El tesoro iberico, de plata, procedente de Torre de Juan Abad (Ciudad Real)», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1945, tomo XVIII, pp. 205 ss.
- 230 — «Tesoros españoles antiguos en el Museo Arqueológico Nacional», Madrid 1954, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Vol. CXXXV, pp. 257-320.
- 231 H. QUIRING, «El laboreo de las minas de oro por los Romanos en la Península Iberica y las «arrugias» de Plinio», *Investigación y Progreso*, Madrid 1935. Año XI, p. 6.
- 232 HORACIO SANDARS, *Joyas ibero-romanas halladas en Mogón, cerca de Villacarrillo, en la provincia de Jaén*. Jaén 1907.

- 233 ISIDRO BALLESTER TORMO, «Restos de una joya de oro covaltina», *Cronica del VI Congreso Arqueologico del Sudeste. Alcoy 1950*, Cartagena 1951, p. 201.
- 234 JESUS CÁNOVAS PESINI, «El tesorillo de Bodonal», *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid 1943, vol. XVI, pp. 121-123.
- 235 JESUS CARRO GARCIA y SEBASTIAN GONZALEZ, «O tesouro de Foxados», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Compostela, 1934, p. 87, tomo VI.
- 236 JOAQUINA EGUARAS IBÁÑEZ, Colar de ouro procedente de Granada, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1943, p. 134 e estampa xxxvii-2. (Museu de Granada).
- 237 JOAQUIN LORENZO, «La arracada posthallstática de Irixo», *Boletín de la Comision Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense*, tomo XIV, 1943-44, p. 127.
- 238 JOAQUIN LORENZO FERNANDEZ e M. RUBEN GARCIA ALVAREZ, «As xoias de Regodeigón», *Revista de Guimarães*, vol. LXVI, 1956, p. 90.
- 239 JOSÉ ALVAREZ y SÁENZ DE BURUAGA, «Tesorillo de Bodonal de la Sierra (Badajoz)», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1944, Vol. IV p. 40 e est. I, n.º 1. (Museu de Badajoz).
- 240 J. CAMÓN AZNAR, *Las artes y los pueblos de la España primitiva*, Madrid 1954.
- 241 JOSÉ COLOMINAS, «Nuevos sepulcros de fosa en Cataluña», *Ampúrias*, Barcelona 1940, vol. II, pp. 164 e 165, est. III e VI.
(Colares de contas de calaite).
- 242 J. DE C. SERRA-RAFOLS, «Joyas antiguas de Estanyol (Gerona)», *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid 1962, vol. xxxv, pp. 123 ss.
- 243 J. FILGUEIRA VALVERDE y A. BLANCO FREIJEIRO, «Nuevas joyas prehistoricas gallegas. El tesoro de Bedoya», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, t. xxviii, p. 161, Madrid 1954.

- 244 J. LUIS MONTEVERDE, «El Tesorillo Ibérico de Roa», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1949, tomo XXII, pp. 377 ss.
- 245 — «Los torques de Jaramillo Quemado». *V Congreso Nacional de Arqueología. Zaragoza 1957*, p. 206.
- 246 J. MANUEL GONZALEZ y J. MANZANARES RODRÍGUEZ, «Arracada de oro procedente de un castro de Berducedo (Astúrias)», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 1959, vol. XXII, pp. 115-120.
- 247 — «Arracada aurea del Castillo de Berducedo», Oviedo, 1960.
- 248 JOSÉ MARIA BLAZQUEZ, «Joyas orientalizantes extremeñas del Museo Arqueológico Nacional de Madrid», Salamanca 1963. *Rev. Zephyrus*, vol. XIV, pp. 5 ss.
- 249 JOSÉ MARIA LUENGO y MARTINEZ, «Alhajas de oro en el Castro de Elviña (La Coruña)», *Noticiario Arqueológico Hispanico*, Madrid 1956, vol. III-IV, pp. 98-100 e lams. XCIII a XCVII.
(Pulseira, gargantilha e colar).
- 250 JOSÉ MARIA SOLER GARCIA, «El tesoro de Villena y el tesorillo del Cabezo Redondo», *Rev. Villena*, Villena 1964, n.º 14.
- 251 — «El tesoro de Villena», *Memória n.º 36 da série Excavaciones Arqueológicas en España*, Publicaciones de la Inspeccion General de Excavaciones Arqueológicas. Madrid, 1965, 1 vol.
- 252 JOSÉ RAMON y FERNANDEZ OXEA, «La arracada de Madrigalejo». Salamanca 1953, *Zephyrus*, 4, pp. 369 ss.
- 253 — «Unha nova arrecada do tipo de laberinto», *Revista de Guimarães*, vol. LXVII, 1957, p. 67.
- 254 JOSÉ RAMÓN MÉLIDA, «El tesoro iberico de Jávea», *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, t. XIII, Madrid 1905, p. 366, est. XVII-XVIII.
- 255 — «El tesoro de Mogón», *Adquisiciones del Museo Arqueologico Nacional en 1916. Notas descriptivas*. Madrid, 1917.
- 256 — «Tesoro encontrado en término de Santisteban del Puerto (Jaén)». *Adquisiciones del Museo Arqueologico Nacional en 1917. Notas descriptivas*. Madrid 1918.

- 257 — «El tesoro de Aliseda», *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones* Madrid 1921, pp. 96 ss. (Museu Arqueologico Nacional.)
- 258 — *Arqueologia Española*, Madrid 1929. Art.º «Joyas», a pág. 228 ss.
- 259 JOSÉ VILLAMIL Y CASTRO, «Adornos de oro encontrados en Galicia», *Museo Español de Antigüedades*, vol. III, 1874, p. 545.
- 260 — «Productos de la metalurgia gallega en tiempos remotos», *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 1906, Tomo III, pp. 81, 97 e 124.
- 261 JUAN CABRÉ AGUILÓ, «Un pendiente de oro hallstattiense de Fortanete (Teruel)», *Anales del Museo del Pueblo Español*, Madrid 1935.
- 262 — «El tesoro de plata de Salvacañete (Cuenca)», *Archivo Español de Arte y Arqueología*, Madrid 1936, n.º xxxv, pp. 151 ss.
- 263 — «Broches de cinturón de bronce damasquinados con oro y plata», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1937.
- 264 — «Caracteres de la orfebrería hispánica según los últimos descubrimientos», *Las Ciencias*, Madrid, 1939
- 265 — «El Tesoro de orfebrería de Santiago de la Espada (Jaen)», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1943, N.º 53, pp. 343-360.
- 266 JUAN MALUQUER DE MOTES, «El collar de oro ilergeta de la Valleta del Valeroso (Seros, Lerida)», Salamanca 1950, *Zephyrus*, tomo I, p. 64.
- 267 — «Nuevos hallazgos en el área tartésica», *Zephyrus*, Salamanca 1958, vol. IX, pp. 201 ss. (Tesouro do Cortijo de Evora (Barrameda): um bracelete, 4 arrecadas, e fragmentos de 2 colares).
- 268 — «El más sensacional hallazgo arqueológico de la Edad del Bronce en Europa: el Tesoro de Villena», *Gaceta Ilustrada*, año VIII, n.º 375 de 14-XII-1963.

- 269 JULIAN SAN VALERO APARISI, «El Tesoro preimperial de plata de Drieves (Guadalajara)», Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, *Informes y Memorias*, n.º 3, Madrid 1945.
- 270 — «Sobre ourivesaria do Ferro Céltico Hispânico. O Tesouro de prata de Drieves (Guadalajara)», Guimarães, *Revista de Guimarães*, 1949, vol. LIX, p. 39.
- 271 — «Sortija de oro de la Ciudad de Elche», *IV Congreso Nacional de Arqueología*, Burgos 1955, Zaragoza 1957, p. 147.
- 272 JULIO CARO BAROJA, «Catalogo de la Colección de pendientes del Museo del Pueblo Español», Madrid.
- 273 — «Suplemento al Catalogo de la Colección de pendientes del Museo del Pueblo Español» Madrid.
- 274 JULIO MARTINEZ SANTA-OLALLA, «Ein silberner hallstätt-helm aus Spanien», *Forschungen und Fortschritte*, Berlin 1933, n.º 26, p. 374.
- 275 — «Casco de plata céltico de la Edad del Hierro», *Investigación y Progreso*, Madrid 1934, año VIII, n.º 1.
- 276 — «Una vajilla ibérica de plata del país de los Mastienos», Madrid 1934, *Investigación y Progreso*, VIII, p. 163.
- 277 LUIS MONTEAGUDO, «Torques castreños de alambres enrollados», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1952, vol. xxv, pp. 287 ss.
- 278 — «Orfebrería del NW. Hispanico en la Edad del Bronce», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1953, vol. xxvi, p. 269 ss.
- 279 — «Joyas del Castro de Elviña (La Coruña) y soluciones museológicas generales», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1954, vol. xxvii, pp. 236 ss.
- 280 LUIS SAUNIER, «Acerca de las antiguas explotaciones de oro en España», *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, Orense 1910, tomo iv, e 1911, tomo v.
- 281 L. V. P., «Joyas visigodas», *Memorias de los Museos Arq. Prov.* Madrid 1958, vol. xv, p. 46 e est. xxvii, 2 (Museu Arq. Nac. de Madrid).

- 282 — «Sortija de Fredomirus», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1960, vol. XVI-XVIII, p. 62 e est. v. (Museu Arq. Nac. de Madrid).
- 283 MANUEL CHAMOSO LAMAS, «Excavaciones arqueológicas en la Citania de San Cibran das Las, y en el poblado y explotación minera de oro de época romana de Barbantes (Orense)», *Noticario Arqueológico Hispanico*, vol. III-IV, p. 114, Madrid 1956.
- 284 MANUEL GOMEZ-MORENO, «Oro en España», *Archivo Español de Arqueología*. Madrid 1940-41, vol. XIV, pp. 461 ss.
- 285 MANUEL MURGUIA, «El torques de Centroña», *Boletín de la Academia Gallega*, N.º 66, 1912.
- 286 MANUEL VAZQUEZ SEIJAS, «Joyas arcaicas», *Bol. de la Comisión de Monumentos de Lugo*, 1942.
- 287 MARIA ANGELES VALL DE PLA, «La cadenilla de oro de la Bastida (Mogente)», *Levante de Valencia*, de 22-7-1955.
- 288 — «La cadenilla de oro de la Bastida de les Alcuses», *V Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza 1957. 1959, p. 239.
- 289 MARIA JOSÉ ALMAGRO GORBEA, «Dos nuevos torques de oro, de tipo gallego, ingresados en el Museo Británico», Barcelona 1962, *Ampurias*, vol. XXIV, pp. 196 ss.
- 290 — «Un bello torques celtico de oro procedente del sur de Extremadura», Barcelona, 1966, *Ampurias*, tomo XXVI-XXVII, p. 246.
- 291 MARIA LUISA FERNANDEZ NOGUEIRA, Jóias de ouro procedentes de Saldaña (Palência). *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, Madrid 1946, vol. VI, p. 90 e est. XXXII-2. (Museu de Palência).
(Constituídas por duas cabeças de cavalo estilizadas, trabalho de filigrana).
- 292 MARIA LUISA HERRERA, «Un torques inédito del tesoro de Mogón», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1953, vol. XXVI, pp. 153 ss.
- 293 MARQUÉS DE LOZOYA, *Historia del Arte Hispanico*, Barcelona 1931, Vol. I.

- 294 MARTIN ALMAGRO, Colar de contas de calaíte, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1942, p. 38 e est. x-1. (Museu de Barcelona).
- 295 — Dois colares de ouro, cornalina e ágata, procedentes das necrópoles fenício-púnicas de Cádiz, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1944, vol. iv, p. 57 e est. x. (Museu de Barcelona).
- 296 — «Los fragmentos del tesoro de Torredonjimeno (Jaén), conservados en el Museo Arqueologico de Barcelona», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1947, vol. vii, p. 66 e est. xi a xviii.
- 297 — *Ars Hispaniae*, I, Madrid 1947, p. 122, fig. 104 e p. 132, fig. 114 e 115.
- 298 — «Nuevos fragmentos del Tesoro de Torredonjimeno (Jaén)», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1950, vol. ix-x, pp. 200 ss. e est. lxiv a lxvi. (Museu de Barcelona).
- 299 — «El tesorillo de Valera de Arriba (Cuenca)», *Numario Hispanico*, Madrid 1958, t. vii, p. 5.
- 300 — «Pendiente y fibula de oro del depósito de alhagas del Convento de las Monjas Filipenses de Palencia», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1960, vol. xvi-xviii, p. 31-33. (Museu Arq. Nac. de Madrid).
- 301 — «Joyas del depósito del Cerro de la Miranda de Palencia», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1960, vol. xvi-xviii, pp. 33-49.
- 302 MIRIAM ASTRUC, «Catalogo descriptivo de los entalles procedentes de distintos sitios de la colonización oriental de la Peninsula», *Memorias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1958, vol. xv, pp. 110-122 e est. lxi a lxiii.
- 303 M. L. H. E., «Anillos de oro», *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1960, vol. xvi-xviii, p. 103. (Museu Arq. Nac. de Madrid).
- 304 M. M. C., «El depósito áureo de Caldas de Reyes», *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid 1943, vol. xvi, p. 445.

- 305 NARCISO SENTENACH, «Bosquejo historico sobre la orfebreria española», Madrid 1909, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*.
- 306 PEDRO ARTIÑANO, «Catalogo de la exposición de orfebreria civil española», Madrid 1925.
- 307 PEDRO DE PALOL, «Dos pendientes celtibericos de oro, hallados en Paredes de Nava (Palencia)», *Boletin del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, Valladolid, 1963, tomo XXIX, pp. 239-246, est. I e II.
- 308 P. IBARRA Y RUIZ, *Tesorillo arqueologico illicitano*, Elche 1951.
- 309 PIERRE PARIS, «Bijou phénicien trouvé en Espagne», *Mélanges Perrot*, 1902.
- 310 — *Essai sur l'Art et l'Industrie de l'Espagne primitive*, vol. II, Paris, 1904.
- 311 — «Le trésor de Jávea», *Revue Archéologique*, Paris, 1906, tomo VIII, p. 424-435.
- 312 RAFAEL BALSA DE LA VEGA, «Orfebreria gallega», *Bol. de la Soc. Española de Excursiones*, Madrid, 1912, t. 26.
- 313 RAMÓN BARROS SIVelo, *Antigüedades de Galicia*, La Coruña, 1875, fig. 19 e p. 110.
- 314 RAMON GIL MIQUEL, «Zarcillos, colgantes y otras joyas de diversas épocas», *Adquisiciones del Museo Arqueologico Nacional de Madrid*, 1933.
- 315 SALOMON REINACH, «Un bracelet espagnol en or», *Revue Archéologique*, Paris 1912, tomo XX, p. 375-380.
- 316 SAMUEL DE LOS SANTOS GENER, «Un lote del tesorillo de orfebreria visigótica hallado en Torredonjimeno», *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*, (Homenaje a Mérida), Madrid 1935, vol. III, pp. 379 ss.
- 317 — Jóias de ouro descobertas numa casa da Rua de Valdés Leal, de Córdoba, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1942, pp. 65, 66 e est. XXII e XXIII. (Museu de Córdoba).
- 318 — «Tesoro hispánico-anterrromano de los Almadenes de Pozoblanco», *Boletin de la Real Academia de Ciencias, Bellas Letras y Nobles Artes de Córdoba*,

- Córdoba 1928, N.º 21, pp. 29-60, e *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1942, pp. 69 ss. e est. xxiv a xxxii. (Museu de Córdoba).
- 319 — «Tesoro de joyas de Córdoba», *Noticiario Arqueológico Hispanico*, Madrid 1953, Vol. I, p. 170.
- 320 SIMEON GIMENEZ REYNA, «Exposicion Arqueologica en Málaga», *Actas del VIII Congreso Nacional de Arqueologia en 1963*, Zaragoza 1964, p. 126 e est. VIII-C.
- 321 TOMÁS GÓMEZ INFANTE, Jóias hispânicas pré-romanas, entre as quais um torques de prata, procedente de Orellana, Badajoz, *Memórias de los Museos Arq. Prov.*, Madrid 1942, pp. 33, 34 e est. VIII. (Museu de Badajoz).
- 322 W. L. HILDBURGH, «A Guid of ibero-roman silver, and Córdoba (Tesoro del Marrubial)», *Archaeologia*, vol. LXXII, Londres, 1921-22.
- 323 WILHELM SCHÜLE, «Probleme der Eisenzeit auf der Iberischen Halbinsel», *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums*, Mainz 1960, p. 59 ss.

III—OUTRAS OBRAS SOBRE JOALHARIA

- 324 A. ANDRÉN, «Oreficeria e plastica etrusche», *Opuscula Archaeologica*, Lund 1948, v, pp. 91-112.
- 325 A. CASTELLANI, *Dela oreficerie italiana*, Roma 1972.
- 326 ANDRÉ DE RIDDER, *Catalogue sommaire des bijoux antiques (Musée du Louvre)*, Paris 1924.
- 327 ANDRÉ JODIN, «Bijoux et amulettes du Maroc Punique», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, Rabat, tomo VI, 1966, pp. 55-90.
- 328 A. REGINALD SMITH, «Irish gold crescents», *Antiquaries Journal*, vol. I, pp. 131-139.
- 329 BERG u. FRIEDENSBURG, *Das Gold*, Stuttgart 1940.
- 330 BRIAN HOPE-TAYLOR, «The true purpose of the mold golden «peytrel»: Europe's largest piece of prehis-

- toric gold-work re-identified, described and reconstructed on paper», *The Illustrated London News*, n.º de 17 de Julho de 1954, pp. 98 e 99.
- 331 C. DENSMORE CURTIS, «Ancient granulated jewelry of the VIth Century b. C. and earlier», *Memoirs of the American Academy in Rome*, I, 1915-1916, pp. 63-85.
- 332 CARLO CARDUCCI, «Bijoux et orfèbrerie antiques. Trésors en Italie», Milão, 1963.
- 333 CH. ALEXANDER, «Jewelry. The art of the goldsmith in classical times as illustrated in the Museum Collection». The Metropolitan Museum of Art, New York, 1928.
- 334 C. W. CERAM, *Götter, Gräber und Gelehrte*, ou na versão francesa de Gilberte Lambrichs, *Dieux, Savants et Tombeaux*, p. 386, Paris, 1955.
- 335 DAREMBERG & SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, tomo I, 1873-82.
- 336 E. BENVENISTE, «Le terme *obryza* et la métallurgie de l'or», *Revue de Philologie*, 1953, tomo XXVII.
- 337 E. C. R. ARMSTRONG, *Some gold, bronze and amber ornaments found together near Banagher, King's County*, Londres, 1918.
- 338 — *Catalogue of irish gold ornaments in the Collection of the Royal Irish Academy*, Dublin 1933.
- 339 E. FONTENAY, *Les bijoux anciens et modernes*, Paris, 1887.
- 340 EMILE DE CARTAILHAC, «L'or gaulois», *Revue d'Anthropologie*, Paris 1889, p. 284.
- 341 EMÍLIO HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, n.º 5132 p. LI.
- 342 ÉTIENNE COCHE DE LA FERTÉ, *Les bijoux antiques*, Paris 1956.
- 343 E. T. LEEDS, *Celtic ornament in the British Isles down to A. D. 700*, Oxford 1933.
- 344 E. VERNIER, *La bijouterie et la joaillerie égyptiennes*, Cairo, 1907.

- 345 GEORGES COFFEY, «The distribution of gold lunulae in Ireland and Nord-Western Europe», *Proceedings of the Royal Irish Academy*, tomos xxvii (1907-09) e xxx (1912-13).
- 346 GIOVANNI BECATTI, *Oreficerie antiche dalle Minoiche alle Barbariche*, Roma 1955.
- 347 G. KARO, «Le oreficerie di Vetulonia», *Studi e Materiali di Archeologia e di Numismatica*, I, II, Florença, 1899-902.
- 348 G. MORTILLET, «Bijou en or des Côtes-du-Nord», *Revue Mensuelle de l'Ecole d'Anthropologie de Paris*, 1893.
- 349 GRATINIANO NIETO, *Goldfunde im Landesmuseum Halle*, Halle 1962.
- 350 H. MÜHLESTEIN, *Die Kunst der Etrusker*, Berlin 1929.
- 351 H. QUIRING, «Das gold in Altertum», *Forschungen und Fortschritte*, 1942.
- 352 — *Geschichte des Goldes. Die goldenen Zeitalter in ihrer kulturellen und wirtschaftlichen Bedeutung*, Stuttgart 1948.
- 353 HERBERT MARYON, «Soldering and welding in the Bronze and Early Iron Ages», *Technical Studies in the field of the Fine Arts*, Cambridge, U. S. A., 1936.
- 354 — «The technical methods of irish smiths in the Bronze and Early Iron Ages», *Proceedings of the Royal Irish Academy*, Dublin 1938, vol. XLIV.
- 355 H. SCHLIEMAN, *Mycènes*, Paris 1879.
- 356 JACQUES HEURGON, *Le tresor de Ténès*, Paris 1959.
- 357 J. JACOBSTHAL, *Early Celtic Art*, Oxford 1944.
- 358 J. MARTHA, *L'Art etrusque*, Paris, 1889.
- 359 JOAN EVANS, *A history of Jewellery. 1100-1870*, Londres 1951.
- 360 JULES LEPIDI, *L'Or*. Colecção «Que Sais-je?». Paris 1958. n.º 776.
- 361 L. BREGLIA, *Catalogo delle oreficerie del Museo Nazionale di Napoli*. Roma 1941.

- 362 LEONARD WOOLEY, *Ur. The first phases*. Londres 1946.
- 363 L. S. GOGAN, «Irish gold lunulae», *J. Cork Hist. Arch. Society*, 1934, t. 39, pp. 1-14.
- 364 — «The Ballycotton collar or gorget», *J. Cork Hist. Arch. Society*, 1931, t. 36, pp. 87-100.
- 365 MARSHALL, *Catalogue of the jewellery greek, etruscan and roman in the Departements of Antiquities*. British Museum, Londres 1911.
- 366 M. ROSENBERG, *Geschichte der Goldschmiedekunst auf technischer Grundlage*. Frankfurt-a.-M., 1915.
- 367 MAX EBERT, *Reallexikon der Vorgeschichte*, Berlin, tomo iv, 2.^a parte: s. v. «Gold», «Goldfunde», «Goldgrube», «Goldschmiedegerät» e «Goldschmiedekunst».
- 368 O. PARET, «Der Goldreichtum im hallstattzeitlichen Südwestdeutschland», *Ipek*, xv-xvi, 1941-42 (1943), pp. 76-85.
- 369 — «La riqueza de oro en el Sudoeste de Alemania durante el periodo hallstático», in *Corona de Estudios*, Madrid 1941, p. 221, est. xxix.
- 370 PAUL DU CHATELLIER, «Diadème de St. Potan». *Bulletin de la Société Archéologique de Nantes*, 1892.
- 371 — *Ornement de tête en or découvert à Saint Potan*. Vannes 1892.
- 372 R. JOFFROY, *Le trésor de Vix (Côte-d'Or)*. Paris 1954.
- 373 SALOMON REINACH, «Les croissants d'or irlandais». *Revue Celtique*, Paris 1900, vol. xxi, p. 74 ss.
- 374 SVERRE MARSTRANDER, «Problems of scandinavian hoards from the Viking Age». *Actas de la IV Sesion del Congreso Internacional de Ciências Prehistoricas y Protobistóricas*. Madrid 1954. Zaragoza 1956, pp. 951 ss.
- 375 TERENCE POWELL, «The gold ornament from Mold, Flintshire, North Wals». Cambridge 1953, *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. xix, parte 2.^a, Nova Série, Dez.º 1954, pp. 161 ss.

- 376 WALTHER REICHEL, «Griechisches Goldrelief». *Archäologisches Institut des Deutschen Reiches. Schriften zur Kunst des Altertums*, vol. v. Berlin 1942.
- 377 W. BREMER. Artigo «Lunula», in *Reallexikon der Vorgeschichte* de Ebert, Berlin 1926, Vol. VII.
- 378 W. R. WILDE, *Catalogue of the Antiquities of gold in the Museum of the Royal Irish Academy*. Dublin 1862.
- 379 Z. Le RONZIC, *Bijoux en or découverts dans les dolmens du Morbihan*. Dijon 1931.

ÍNDICE REMISSIVO DAS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS
POR ESPÉCIES DA JOALHARIA LUSO-ESPANHOLA

- ANEIS — *Em Portugal*: N.^{os} 25, 26, 54, 56, 57, 60, 65, 69, 73, 76, 96, 109, 112, 152, 161.
- *Em Espanha*: N.^{os} 164, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 184, 191, 194, 195, 196, 216, 218, 230, 243, 256, 260, 265, 269, 270, 271, 282, 303, 314.
- ARRECADAS — *Em Portugal*: N.^{os} 12, 50, 78, 99, 112, 114, 121, 128, 141, 142.
- *Em Espanha*: N.^{os} 172, 194, 200, 224, 237, 243, 244, 246, 247, 248, 252, 253, 257, 260, 265, 267.

- BRACELETES — *Em Portugal*: N.ºs 2, 6, 9, 22, 28, 29, 31, 34, 48, 53, 62, 66, 67, 81, 88, 89, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 112, 113, 118, 123, 127, 135, 136, 137, 140, 159.
- Em Espanha*: N.ºs 165, 171, 172, 175, 179, 194, 204, 208, 209, 210, 212, 213, 219, 223, 227, 229, 230, 232, 235, 250, 251, 254, 255, 257, 260, 262, 265, 267, 268, 269, 270, 279, 301, 304, 311, 315, 317, 318, 319.
- BRÁCTEAS — *Em Portugal*: N.ºs 14, 49, 106, 107, 112, 144, 153.
- BRINCOS — *Em Portugal*: N.ºs 25, 37, 54, 77, 82, 108, 109, 152, 155, 162, 163.
- Em Espanha*: N.ºs 168, 199, 200, 248, 262, 269, 270, 317, 319.
- COLARES — *Em Portugal*: N.ºs 3, 4, 22, 30, 33, 36, 42, 48, 50, 57, 60, 70, 75, 79, 80, 85, 86, 87, 90, 95, 97, 98, 99, 107, 109, 112, 132, 147, 151, 157, 160.
- Em Espanha*: N.ºs 166, 172, 175, 180, 181, 192, 194, 204, 212, 216, 230, 232, 236, 241, 242, 249, 254, 255, 256, 266, 267, 279, 288, 294, 295, 311, 317, 319.
- DIADEMAS — *Em Portugal*: N.ºs 25, 47, 64, 67, 79, 107, 112, 148, 150, 156.
- Em Espanha*: N.ºs 172, 187, 194, 200, 204, 225, 228, 230, 232, 243, 254, 255, 257, 311.

- FÍBULAS — *Em Portugal*: N.^{os} 45, 57, 98, 112, 145.
 Em Espanha: N.^{os} 229, 230, 256, 265, 269, 270, 300, 318.
- HÉLICES — *Em Portugal*: N.^{os} 1, 5, 47, 63, 65, 67, 68, 71, 79, 102, 105, 107, 118, 119, 143.
 Em Espanha: N.^{os} 230, 234, 238, 239, 301, 321.
- LÚNULAS — *Em Portugal*: N.^{os} 101, 107, 112.
 Em Espanha: N.^{os} 221, 230, 313.
- PINGENTES — *Em Portugal*: N.^o 99.
 Em Espanha: N.^{os} 167, 169, 175, 176, 180, 194, 234, 239, 242, 257, 261, 262, 265, 272, 273, 300, 307, 314, 318.
- PULSEIRAS — *Em Portugal*: N.^{os} 24, 35, 51, 52, 55, 61, 83, 92, 111, 125, 129, 162.
 Em Espanha: N.^{os} 175, 181, 230, 232, 233, 249, 255, 262, 265, 321.
- TORQUES — *Em Portugal*: N.^{os} 9, 17, 18, 21, 23, 32, 38, 43, 46, 50, 55, 84, 107, 110, 115, 116, 117, 123, 126, 131, 135, 138, 139, 149.
 Em Espanha: N.^{os} 171, 174, 175, 179, 186, 189, 202, 205, 206, 207, 214, 215, 217, 222, 228, 229, 230, 232, 235, 245, 255, 256, 260, 262, 265, 269, 270, 277, 285, 289, 290, 292, 301, 318, 321.

VÁRIA

— (Contas de colar avulsas, camafeus, pedras de anéis, fivelas, aros, placas ou lingotes de ouro ou prata, elementos metálicos de cinturões, de colares e de correntes, pequenas lâminas, fragmentos de aplicação indeterminada, ornatos soltos, páteras, um pente de ouro, um capacete de prata, peças de baixela, etc.. E citações de diversas obras e artigos de índole geral sobre joalheria, mineração, etc.):

Em Portugal: N.ºs 1, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 27, 40, 41, 44, 47, 50, 55, 59, 60, 65, 67, 70, 72, 74, 99, 100, 104, 107, 108, 109, 112, 120, 122, 124, 130, 133, 134, 146, 148, 154, 158, 162.

Em Espanha: N.ºs 167, 169, 172, 173, 175, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 188, 189, 190, 193, 194, 197, 198, 200, 201, 204, 211, 212, 213, 226, 230, 231, 232, 233, 235, 240, 250, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 263, 264, 268, 269, 270, 274, 275, 276, 278, 280, 283, 284, 287, 288, 291, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 310, 311, 312, 314, 316, 317, 320, 322, 323.

ÍNDICE ALFABÉTICO DAS PROCEDÊNCIAS DE
JÓIAS ENCONTRADAS EM PORTUGAL

<i>Locais dos achados</i>	<i>Numeração das citações bibliográficas correspondentes</i>
Abrantes	73
Afife	141
Álamo (Moura, Alentejo)	22, 107
Alcácer do Sal	152
Alcalar (Algarve)	148
Aldeia da Trindade (Beja)	26
Alentejo	57, 77, 82
Algarve	54
Alijó	137
Almoster	80, 138
Alto-Minho	78
Arnozela (Fafe)	136
Atouguia da Baleia (Peniche)	6
Avis (Herdade de S. Martinho)	68
Baiões (S. Pedro do Sul)	110, 139
Bairro (V. N. de Famalicão)	48, 66
Bairros (S. Martinho de Bougado)	10, 41
Balugães (Barcelos)	150
Baralhas (Macieira de Cambra)	81
Barro (Torres Vedras)	79
Batalha	69
Beja	60, 62, 65, 72
Benafim (Alte, Loulé)	96
Bonabal (Torres Vedras)	103
Borrallheira (Teixoso)	109
Bragança	144
Brea (Lobelhe, V. N. de Cerveira)	47, 67

Cantonha (Guimarães)	107, 113
Casal do Pardo (Setúbal)	13
Castelejos (Alcácer do Sal)	83, 93
Cesareda (Reguengo Grande, Lourinhã)	71, 76
Citânia de Briteiros (Guimarães)	114
Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim)	129
Codeçais (Veiga de Chaves)	115, 116
Conimbriga (Condeixa-a-Velha)	153
Cortinhas (S. Mamede de Riba- -Tua)	46
Chão das Covas (V. ^a Velha do Ródão)	70
Chão de Lamas (Miranda do Corvo)	101
Chaves	105, 118
Ermegeira (Maxial, Torres Ve- dras)	108
Estela (Póvoa de Varzim)	50
Estremoz	28, 29, 107
Évora	4, 91, 132, 147, 151
Fiães (Vila da Feira)	129
Folgosinho (Gouveia)	31, 89
Fonte Velha (Bensafrim, Algarve)	49
Gaio (Sines)	99
Góios (Barcelos)	119
Gois (Arganil, Coimbra)	37
Golegã	121
Gondeiro (Salvador, Amarante)	51
Guiães (Vila Real)	34
Idanha	79
Lagares (Grijó de Valbenfeito, Macedo de Cavaleiros)	143
Lameira Larga (Aldeia do Bispo, Penamacor)	15
Laundos (Póvoa de Varzim)	142
Lebução (Valpaços)	9, 123, 135

Mangualde	97
Meixomil (Paços de Ferreira)	129
Mira d'Aire (Porto de Mós)	107
Mogadouro	45
Monforte (Castelo Branco)	70, 75
Monsanto da Beira	25, 98, 121
Monte da Saia (Grimancelos, Barcelos)	125
Montes Claros de Baixo (Vimieiro)	1, 5
Ninho do Açor (Castelo Branco)	106
Outeiro da Assenta (Óbidos)	24
Outeiro da Cabeça (Torres Vedras)	107
Paradela do Rio (Montalegre)	126
Pena Lobo (Sabugal, Guarda)	31, 89
Penela (Condeixa-a-Velha, Coimbra)	30, 42, 87, 132
Penha Garcia (Idanha, Castelo Branco)	102
Portalegre	127
Portunhos (Cantanhede)	53, 94
Póvoa de Lanhoso	17, 18
Pragança (Cadaval)	107
Regoufe (Covelo, Arouca)	111, 159
Reguengos de Monsarás	3, 32, 90
Rodrigo Velho (Bougado, Santo Tirso)	129
Sanfins (Paços de Ferreira)	23
Santa Menina (Fundão)	74
Santarém	79
São Mamede de Óbidos	79
São Martinho (Alcácer do Sal)	107
São Martinho de Anta (Sabrosa, Vila Real)	12
Serpa (Beja)	65
Serra da Conceição (Tavira)	88, 149
Serrazes (S. Pedro do Sul)	110, 139
Sintra	21, 33, 84, 85, 95, 131

Telões (Amarante)	140
Torgueda (Moçães, Vila Real)	35
Torres Vedras	60
Tourém (Montalegre)	117
Vale da Malhada (Rocas, Sever do Vouga)	148
Vila do Conde	58
Vila Nova de Paiva	27
Vilas Boas (Vila Flor)	38, 43
Vila Seca (Sever do Vouga)	148
Vila Verde (Braga)	52
Vinhas (Macedo de Cavaleiros)	145
Vinhós (Douro)	36